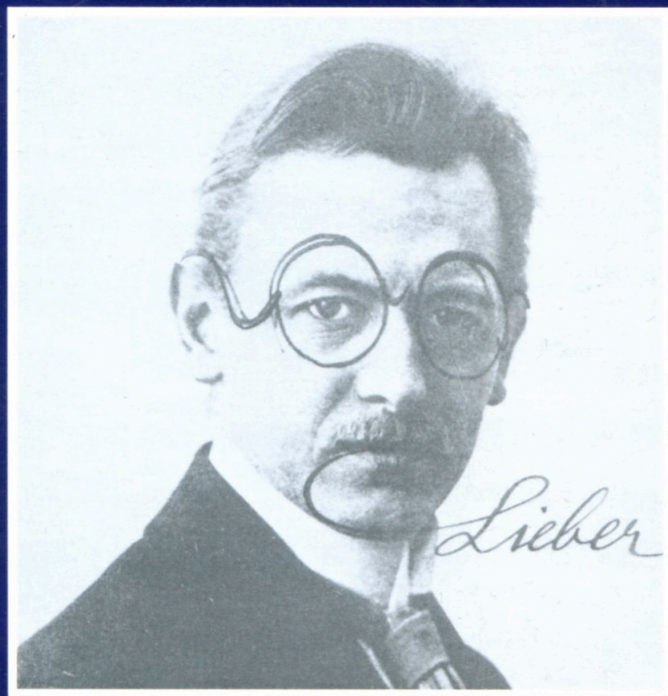


AUGUSTA PIA

um xarope de fígado de bacalhau

Kurt Schwitters



FENDA



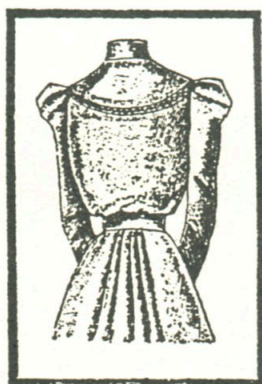
AUGUSTA PIA

KURT MERZ SCHWITTERS

Xaropada n.º 30

AUGUSTA PIA

(um xarope de fígado de bacalhau)



Tradução

Judite Berkemeier

FENDA

Título Original

Auguste Bolte
(ein Lebertran)

1923

Autor

Kurt Merz Schwitters

Tradução do Alemão

Judite Berkemeier

Capa

João Bicker

© Fenda Edições, Lisboa

Augusta Pia

dedicado:

1. a Augusta
2. à crítica de Arte
3. aos Drs. Vit
4. a todos os meus queridos amigos

(tese de doutoramento *)

O autor reserva-se todos os direitos, sobretudo os direitos de impressão, tradução, declamação, adaptação cinematográfica.

O autor declama ele próprio as suas obras de acordo com o seu sentido.

Mote: A gente bem pede o Bem para toda a gente, mas o Mal vem sem a gente o pedir.

Poema: Ó Homem vê lá, não lhe faças mal.
Isto não é lápis, é giz de cal.
Ela tem o direito de pensar.
Deixemos por isso de a melindrar.

(*) com notas de rodapé.

com fedor borrado. Pernas não tem, como quem diz, esgotaram. Mas então como é que ela há-de mandar? Com as mãos. Mas essas, como quem diz, também esgotaram, braços e tudo. Mas então como é que ela há-de agarrar? Com a cabeça. Mas a cabeça não passa de um cabide. Ora, aqui é que está pendurada a imprensa artística diária com o seu folho bordado. Mas então como é que ela há-de pensar? Para este fim o autor acrescentou-lhe uma cabeça sobressalente, como aquelas que se encontram ao lado dos bustos reais no Antigo Egipto nas câmaras mortuárias das pirâmides (1). A cabeça tem a expressão característica dos críticos de arte no seu estranho ladrar, óculos sobre o nariz e um lenço no lugar onde devia estar a inteligência. O nariz é encarnado. Para dar de beber à dor, não há como uma ginginha.

Mas que introdução vem a ser esta? Meu caro senhor, antes de mais nada trata-se de subornar a crítica para ela dar boas notas ao meu livro. Quem bem lubrifica, melhor anda.

Kurt Schwitters

(1) vd. o museu Peliareus em Hildesheim.

Augusta Pia (²) avistou na rua umas 10 pessoas que avançavam numa única e mesma direcção. Isto pareceu suspeito a Augusta Pia, mesmo muito suspeito. 10 pessoas iam numa única e mesma direcção. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10. De certeza que ali havia coisa. Porque senão, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas não iriam exactamente numa única e mesma direcção. É que se ali não houvesse coisa, então não iriam 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas exactamente na mesma direcção, então 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas iriam em 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 direcções diferentes — Isto é certo e sabido. E a menina Augusta Pia sempre fora uma rapariga às direitas, já na escola. Mas quando há coisa, então 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas vão, por via de regra, numa única e mesma direcção e não em 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 direcções diferentes. Quando há coisa, também 10, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100 pessoas podem ir numa única e mesma direcção. Quando há coisa, até 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1.000 pessoas podem ir numa única e mesma direcção. Pia sabia isto e muitas outras coisas. Por exemplo, Pia sabia que devia rimar com sabia. Augusta contou. Eram de facto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas que iam exactamente numa única e

(²) Augusta Bia (Aliás, Pia!), Anna Blume e Arnold Böcklin têm as mesmas iniciais: A. B.

mesma direcção. Porquê exactamente? Quem teria tido a coragem de contar com exactidão estas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas, i.é., quando exactamente, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas vão numa única e mesma direcção, pode ser que haja coisa, mas não tem forçosamente que haver coisa. Com o número 10 de certo modo não restam dúvidas, i.é., quando exactamente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas vão exactamente numa única e mesma direcção, então, de certo modo, tem de haver coisa, exactamente. Mas o quê? Augusta Pia tinha a certezinha — sendo que tinha rima com certezinha — que nunca o saberia se perguntasse a cada uma das 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas, porque cada uma delas, ou seja, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, cada uma delas é tão vil — e vil é a única expressão adequada a uma vilania destas — que de certo modo guarda exclusivamente para si a sua novidade. Augusta Pia sabia isso, já na escola tinha de certo modo sido uma aluna dotada. E agora? Que fazer nesta hora? Uma rima inaudita. Agora rimava com hora. Mas a menina Augusta reparou ainda que não só agora rimava com hora, como, inversamente, hora rimava com agora. Entretanto as 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas continuavam sempre a avançar. Augusta ficou porém de certo modo como que absorta nos seus pensamentos durante um curto lapso de tempo, como que enraizada, de certo modo como árvore, quando descobriu a inaudita rima entre agora e hora, por um lado e por outro lado. A rima subiu-lhe à boca. Como óleo de fígado de bacalhau. Augusta engoliu em seco. É que, quando há coisa, acontecem das mais desarrimadas coisas. Então de repente rima o que normalmente não rima. Recapitulemos! 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas iam

numa única e mesma direcção e agora rimava com hora. Portanto tinha que haver coisa. Como é que Augusta o havia de saber? Nunca, se perguntasse a cada uma das 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 porque cada uma guardaria para si a sua sabedoria — só para chatear Augusta. Que descaramento este, não haver ali uma pessoa decente com nobreza de alma que contasse tudo a Augusta! Pura e simplesmente ninguém tomava Augusta a sério. Mas uma pessoa civilizada não pode aceitar uma coisa destas. E agora, que fazer nesta hora? Que rima sinistra! Era preciso fazer alguma coisa, caso contrário podiam acontecer a Augusta as mais estranhas coisas. Era capaz de se afogar em rimas. Depois viria a aliteração e se esta fosse grudada a uma métrica, seria o fim. Eram capazes de a tratar como uma solteirona, ela que sempre fora uma rapariga às direitas, já na escola muito dotada e também não lhe diriam mais nada: ora isto é que era interessante, quer dizer, seria. Isto não podia acontecer a uma mulher como Augusta. Portanto alguma coisa tinha de se passar. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas iam rigorosamente numa única e mesma direcção, agora rimava obviamente com hora e ninguém contava a Augusta que coisa se passava. A coisa corria-lhe a contrapelo. Pensou por um instante que pelo seria aquele contra o qual as coisas de certo modo lhe corriam. Então arregaçou o vestido e toda a sua virilidade e lançou-se na perseguição das 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1 pessoas.

Mas o que era aquilo? na esquina seguinte 5 separaram-se dos outros 5 e enfiaram por uma rua, enquanto que os 5 restantes enfiaram por outra. Augusta con-

siderou isto obviamente como um ardil infame, como uma manobra descarada. Como quem não quer a coisa, as 10 pessoas teriam de ter dito umas às outras que o facto de elas irem numa única e mesma direcção daria nas vistas a Augusta. Augusta tiraria daí as suas conclusões, por ex. que ali tinha de haver coisa. Estas 10 pessoas contavam pois de certo modo, no caso de Augusta, com o nível de inteligência do homem comum. Também se teriam dito umas às outras como quem não quer a coisa que a menina Augusta Pia procuraria saber que coisa ali haveria. Augusta segui-los-ia, segui-los-ia e desta forma tão simples acabaria por ver o que ouvir queria, por outras palavras, que coisa havia, de certo modo, de que é que na verdade se tratava. Oh, mas Augusta conhecia muito bem a psicose de massas, já na escola tinha sido uma menina dotada. Mas uma solteirona não podia saber tudo. E para enganar a menina Augusta tinham-se separado como quem não quer a coisa. Mas Augusta só podia perseguir 5 pessoas de cada vez, era sabido que Augusta não se podia dividir. Isto por diferentes razões. Quer dizer, as razões aqui eram indiferentes, mas tinha sido de um descarado atrevimento daquela massa separar-se, ou melhor dizendo, dividir-se.

Augusta era decidida e foi decididamente atrás dos primeiros 5. Mas Augusta era também de modos rectos, de certo modo, um carácter. E se tivessem sido os outros 5? Dúvidas amargas fervilhavam no seu pobre crâneo martirizado, um pouco como a chucrute. Aquilo parecia-lhe muito suspeito: logo um par de cincos ⁽³⁾!

(3) quando toda a gente sabe que 5 é ímpar!

Deu mais alguns passos e veio-lhe a inspiração: tinham de ser os outros 5. Mas tinham de ser o quê? Em todo o caso repensou e, decidida como era, deu decididamente meia-volta e foi atrás dos outros 5. É que a menina Augusta não via porque razão não havia de seguir estes 5 em vez dos 5 primeiros. 5 são 5 e 5 pessoas são 5 pessoas exceptuando as suas características individuais, que, no entanto, neste caso concreto eram de certo modo indiferentes. Seguiu então os outros 5, mas o que é certo é que — e aí é que estava o requinte da coisa — pela mesma razão que seguia os outros 5, ela teria podido seguir também estes 5, os primeiros 5. Mas por que é que 10 pessoas têm de se dividir afinal em dois grupos de 5? Semelhante coisa não passava de uma refinadíssima tática das massas, de certo modo hostis — Porque neste caso era totalmente indiferente em si qual dos grupos de 5 pessoas Augusta devia seguir. As dúvidas amargas começaram a ferver por fora. Mas Augusta sempre fora uma rapariga às direitas, já na escola. Sem no entanto ser uma fofsona. E assim chegou à única solução correcta. Como podia, de acordo com a quantidade, escolher entre 2 grupos iguais de 5 cada, acabara por ter de seguir de forma perfeitamente regular cada um dos 5, especialmente no que se refere ao tempo de seguimento. Portanto, vulgarmente falando, primeiro tinha de seguir por um certo período de tempo os primeiros 5 e depois, por igual período de tempo os outros 5, depois novamente os 5 primeiros, os outros 5, os primeiro 5, etc. Por conseguinte: Augusta não reflectiu muito tempo mas deu uma meia-volta decidida e correu outra vez à volta da esquina da rua a ver o que os primeiros 5 faziam. Mas como agora ambos os cincos continuaram sempre a

avançar, a distância que os separava da esquina e uns dos outros aumentava cada vez mais, de forma que Augusta Pia corria e corria — cá está outra vez esta rima sinistra! — porque o caminho se alongava sem cessar. E depois, Augusta era jovem e, assim como assim, fazia isto de certo modo por razões de saúde. E como já se disse, Augusta era ainda uma donzela às direitas. Erisemprefora. E à medida que era obrigada a correr cada vez mais depressa, resolveu fazer o seguinte: Primeiro, e antes de mais nada, desembarçou-se de todo o lastro supérfluo tal como um navio prestes a ir a pique lança ao mar tudo o que é supérfluo, para que, pelo menos, não se afunde tudo de uma vez, e, já que agora, de certo modo, era a vida que estava em jogo, desembarçou-se do chapéu com alfinete, das luvas, da carteira com lenço e porta-moedas, das suas lunetas, de anéis e pulseiras, que no caso presente, constituíam um lastro completamente dispensável e correu, ora atrás dos 5 primeiros, ora atrás dos outros 5, num vaivém à volta da esquina. Enquanto isto, Augusta Pia admirava a sua presença de espírito: com toda aquela pressa, ela ainda sabia que largar lastro era o que devia. Lá estava outro caso de rimas: a rima de sabia com devia, devia com sabia e devia e sabia com Pia. Uma vez mais tudo rimava de forma extremamente ridícula e óbvia. Tudo apontava para qualquer coisa de extraordinário. E entretanto e enquanto isto, Augusta, como íamos dizendo, andava num vaivém em volta da esquina sentia no fundo a satisfação interior de cumprir plena e totalmente o seu dever, por mais penoso que ele fosse. E na verdade sentia-o tanto mais fortemente quanto mais depressa tinha de correr. Só que a coisa aquecia e a roupa bamboleava à volta dos

joelhos. Mas Augusta sempre tinha sido uma rapariga de ideias penetrantes e de decisões rápidas. Enquanto corria e pensava que tinha de aumentar a velocidade para manter doravante a ligação entre os primeiros 5 e os outros 5, que cada vez mais se afastavam tanto uns dos outros como da esquina, ocorreu-lhe a ideia óbvia, que de certo modo se estava mesmo a ver, de que também tinha que considerar o vestido e a blusa como lastro supérfluo. Ao mesmo tempo alegrava-se de conseguir ainda, apesar de toda esta pressa, criar tão belos jogos de palavras, e, agarrando-se com unhas e dentes àquela ideia, que de certo modo se estava mesmo a ver, desembaraçou-se de mais aquele lastro. Agora, afastando-se dos 5 primeiros, Augusta foi atrás dos outros 5. Mas ninguém escapa ao seu destino. Pouco a pouco, a distância entre os dois grupos de 5 tornou-se tão grande que Augusta, mesmo empregando toda a velocidade, só poderia arriscar por uma última vez correr à volta da esquina, se quisesse ainda ter uma hipótese de alcançar os outros 5. Alguma vez uma pessoa terá de se decidir de uma vez por todas. É a sina humana, por mais triste que possa ser. E foi assim que Augusta resolveu as suas amargas hesitações sobre se teria feito bem em seguir os primeiros 5 ou os outros 5 e decidiu-se ainda uma vez a dar a volta à esquina a fim de alcançar os 5 primeiros. Quando, já um pouco esquentada, Augusta Pia alcançou os 5 primeiros, uma rapariga separou-se de repente do grupo e sem dizer água vai, como se, de certo modo, aquilo fosse a coisa mais natural deste mundo, entrou numa casa. E agora? A rima era com ... hora. Mas isto ajudava-a tanto como coisa nenhuma. Regressar aos outros 5 seria a única decisão acertada neste momento. Mas o destino

tinha de certo modo deposto contra Augusta (4). Pois agora ela já não podia alcançar os outros 5 porque a distância se tornara demasiado grande. Por outro lado, não havia dúvidas de que a escolha era agora fácil: Entre 1, 4 e 5 pessoas era óbvio que se escolheriam as 5. Augusta tinha — como era a rima? — a certezinha! Mas Augusta já na escola era uma rapariga de risca direita e decidida, erisemprefora. Como já não conseguia alcançar os 5, restava-lhe a escolha entre os 4 e o um — decidida como era — já na escola ela era uma rapariga de risca direita, erisemprefora. Augusta Pia seguiu os 4 mas por um excesso de conscienciosidade anotou o número da porta, pela qual se sumira a tal pessoa. Era o número 5. Calculem, logo o 5! O que é que isto, por exemplo, poderia significar outra vez? Um separa-se de cinco e entra no 5. Coisa estranha! Aquilo levava água no bico. Tudo isto e também as muitas rimas confirmavam a Augusta na sua consciência justa, que aqui tinha de haver qualquer coisa que ela ainda descobriria. Senão porque se chamaria ela Pia? Não é sem razão que uma pessoa rima uma vida inteira com — ia. Depois de ter reflectido nestes termos, Augusta, como íamos dizendo, tomou a decisão rápida de seguir os outros 4. À sorte sorri sempre aos jovens. Primeiro Augusta limpou o suor que lhe perlava na testa, refrescou-se um pouco e regozijou-se do fundo do coração por poder tomar fôlego, porque os 4 caminhavam calmamente, de certo modo como se nada se tivesse passado. E no entanto Augusta Pia sabia — lá vem ela, outra vez, esta rima sinistra! — de

(4) de depoimento, vd. «Tribunal».

certeza, certezinha que ali havia coisa. Senão, porque é que os 4 haveriam de andar numa única e mesma direcção? De repente chegaram a um cruzamento. E como se o diabo tivesse entrado no jogo, 2 foram para a direita e 2 foram para a esquerda. Que fazer agora nesta hora? Mais uma vez esta rima inquietante, esta rima penetrante. Augusta Pia não sabia — e a rima aí estava outra vez, penetrante — o que havia de fazer? Isto era demais para uma pessoa só, uma tripla rima em menos de 30 segundos. Augusta Pia sabia—quarta rima—que toda esta história tinha de certo modo chegado a um ponto crítico. Augusta estava firmemente decidida a, de certo modo, não desistir. O sistema, esse Augusta já o conhecia pela experiência da perseguição dos dois grupos de 5 pessoas. Augusta estava de certo modo à altura de elaborar uma tática de perseguição de dois magotes iguais, tão bem orientada estava. E estava disposta a empregar de novo esta tática, na perseguição dos dois magotes, cada um com 2 pessoas. Um dia a história haveria de chamar a esta tática, a Tática-da-Menina-Augusta e, de repente, ela entrava na história. Assim a Menina Augusta seguiu primeiro durante um certo período de tempo os primeiros 2. Depois deu meia-volta e seguiu, por igual período de tempo, atrás dos outros 2. Pois, como é que ela havia de saber que dois é que eram? Quem é que alguma vez poderia saber quais dos 2 seriam os certos? Ou melhor, eram. Pois é, «eram» é aqui o «Tempus dubitativus» certo. «Eram» é aqui o «Tempus absolutus» certo. Apesar disso, Augusta sentia ainda uma certa inquietação perante o facto de que em situações afinal difíceis ainda apareceram certas palavras estrangeiras. Quem é que por ex. agora queria saber alguma coisa de palavras estran-

geiras, as quais, de resto, adornam a vida de forma tão agradável? E Augusta fez de novo meia-volta afastando-se dos primeiros 2 e indo atrás dos outros 2. Que agradável não precisar desta vez de andar no vaivém à volta da esquina, pois os dois grupos de dois iam em direcções diametralmente opostas. Que agradável que a desgraça traga sempre um bocado de sorte. Mal um homem morre tem logo um caixão, mesmo que em vida nem sequer um prego tivesse. Isto para Augusta é que era ter sorte. E entretanto a distância entre os 2 de 2 aumentava cada vez mais. Augusta corria de lá para cá, de cá para lá, até que por fim se viu obrigada a tomar a decisão de se decidir qual dos 2 finalmente queria perseguir. Mas apesar de tudo ela era de certo modo uma conhecedora do sistema. Erisemprefora. O sistema era no fundo a tática-da-Menina-Augusta. O que é que, neste caso concreto, havia de tão importante a decidir? O importante é sempre o sistema. E na vida de uma pessoa chega-se muitas vezes àquele ponto em que se acaba o ou... ou, de certo modo um ponto de viragem, assim como uma parede na qual está escrito: «Até aqui e mais não!». Com base na sua tática, Augusta conhecia este raciocínio. Augusta era uma rapariga às direitas, erisemprefora, já na escola. Sem por isso ser uma frossona. Mas era sobretudo na escola da vida que Augusta Pia era uma rapariga de risca direita. A vida era uma dura escola. Só as pessoas de risca direita podem viver a vida. A vida é uma superescola. De certo modo uma escola superior. E era nesta escola superior que a Menina Augusta Pia queria doutorar-se, sair doutora em vida, de certo modo Dr.^a Vit. E esta seria a sua tese de doutoramento. O tema clamava por tratamento, pois até ao momento tinha sido muito pouco tratado. Um

tema gratificante. E a posição que Augusta depois iria ter quando fosse Dr.^a em vida, a Menina Dr.^a Augusta, Menina Dr.^a Vit. Uma nova especialidade. Nisto e noutras coisas como, por exemplo, na expressão «Tempus Absolutus» pensava Augusta (que significa «a excelsa») enquanto se separava definitivamente dos outro 2 para perseguir agora os primeiros 2. Augusta calculava que a sua velocidade seria agora a do som, 333 1/3 m por segundo. Acelerar mais parecia-lhe impossível, senão chegaria antes de se poderem ouvir os seus passos e o trovão dos seus passos seguia-la na passada. Ora Augusta era tão simples como sábia e por isso se decidiu simplesmente a não abandonar os primeiros 2 mas sim a segui-los até que tivesse sabido que coisa era aquela.

De repente, estes 2 últimos separaram-se também, um entrou numa casa à direita, o outro numa casa à esquerda. A menina Dr.^a Augusta — não quero deixar de a intitular já assim «honoris causa» (5) — ficou plantada no meio da rua como um homem. À esquerda ia-se uma esperança pela casa dentro. À direita ia-se uma esperança pela casa dentro. À esquerda ia-se uma esperança pela casa dentro. A menina Dr.^a Augusta era uma rapariga de risca direita. Pensou na expressão «Tempus absolutus». Bruscamente a palavra «árvore» atravessou de certo modo disparada a sua cabeça. Quer dizer, não atravessou, pois quando a Menina Dr.^a Augusta apalpou a cabeça esta apresentava-se saudavelmente intacta a toda a volta. Se a palavra tivesse ou se tivesse atravessado, ela teria que ter um

(5) por causa da honra.

buraco na cabeça. Ou seja, para sermos exactos, 2 buracos, porque uma palavra não podia atravessar-se-lhe na cabeça, mas, àquela velocidade, só podia atravessar-lhe a cabeça. Como uma bala de espingarda. De repente a Menina Augusta apanhou um susto pois descobriu os buracos das orelhas. 2 buracos, um à esquerda outro à direita. A coisa não podia passar-lhe despercebida. Será que a palavra lhe tinha atravessado mesmo a cabeça de orelha a orelha e aberto estes dois orifícios? Mas nessa altura teria de ter sangrado. E não sangrou. E no meio disto, a Menina Dr.^a Augusta esqueceu-se entretanto de qual a palavra que realmente se atravessara. Não se conseguia lembrar. Parecia aliás, como se disse, que nada tinha atravessado nem se tinha atravessado. As palavras não se atravessam assim tão facilmente. De qualquer modo não deixou de a inquietar o facto de talvez, eventualmente, uma palavra se poder ter atravessado embora o golpe não fosse tão travesso como isso. Isto tal como as rimas excepcionalmente frequentes na linguagem corrente que a Menina Augusta usava de si para si, confirmavam-lhe o presentimento, totalmente correcto, de que ali tinha de haver coisa. Mas o certo é que um tinha entrado numa casa à direita e outro numa casa à esquerda. A menina Dr.^a Augusta admirava a sua própria calma quanto ao assunto em referência. Ali havia coisa e ela não sabia, ainda não sabia. Pôs-se então a pensar que fazer agora, nesta hora. A velha rima de agora com hora tinha-a guiado muito bem até aqui! Ela guiaria Augusta Pia até esta vez que já sabia. Como a rima a envolvia, era como no berço da Poesia! Qual dos dois deveria seguir agora? Era difícil decidir. Em qualquer dos casos, um é um, pelo menos quantitativamente

falando. No fundo era realmente indiferente qual dos dois a Menina Dr.^a Augusta deveria seguir agora. E já se via em espírito — é que a Menina Dr.^a Augusta era espirituosa — correr outra vez num vaivém horas a fio entre as duas casas situadas frente a frente. Ela conhecia a tática, pois o sistema não se tinha alterado. Augusta Pia sabia que a distância entre as duas casas situadas frente a frente aumentaria cada vez mais até ser por fim tão grande que Augusta teria de se decidir de novo sobre qual delas queria definitivamente seguir, pois, por mais que se esforçasse, já não conseguia assegurar o serviço de vaivém entre as duas casas, dada a enorme distância. Mas quando se tivesse finalmente decidido a levar as coisas até ao fim, este um dividir-se-ia subitamente em duas metades. E uma das metades entraria num quarto, a outra no outro. Que metade devia então Augusta seguir? No fundo, era de novo indiferente. A menina Dr.^a Vit voltaria a andar num vaivém entre os dois quartos ao lado em frente um do outro que se distanciariam um do outro sem cessar. Por fim a distância entre os dois quartos seria tão grande que a Menina Dr.^a teria novamente de se decidir. A metade dividir-se-ia então em dois quartos, um dos quartos sentar-se-ia numa cadeira, o outro na outra. A distância entre as cadeiras aumentaria sem cessar e a Menina Dr.^a continuaria num vaivém e decidir-se-ia finalmente por um dos quartos que se dividiria então em 2 oitavos, o primeiro oitavo sentar-se-ia numa das metades da cadeira, o outro na outra. O sistema, esse conhecia a Menina Dr.^a Pia e com ela e por ela, a ciência. Mas ela também já tinha aprendido com os casos

precedentes ⁽⁶⁾. O facto é que a sua tática estava errada em relação ao sistema. Por outro lado não lhe ocorria para já mais tática nenhuma. Acabaria por verificar que a divisão do oitavo evoluiria progressivamente para dezasseis avos, trinta e dois avos, sessenta e quatro avos, cento e vinte e oito avos e assim até ao átomo. E receava que não lhe restasse mais nada para onde se virar, com vista à sua tese de doutoramento, para saber que coisa se estaria a passar. Tantos foram os pensamentos que atravessaram então a cabeça da Menina Dr.^a Augusta, que a dita ficou como uma peixeira e parecia ter agora milhares de orelhas. Pelo menos era o que parecia à Menina Dr.^a A experiência é a maior das ciências. A tática estava errada. Afinal de contas a Menina Dr.^a Augusta teria desperdiçado a sua energia e as 10 pessoas ter-se-iam desintegrado num bilião de partículas, aproximadamente. Pois Augusta tinha sido já na escola uma rapariga às direitas. Apesar de tudo, a nossa civilização degenerada precisa de pessoas coerentes. A Menina Dr.^a Augusta Pia era coerente. A Menina Dr.^a Augusta Pia era coerente e não havia dúvidas de que tinha carácter.

Decidida como era, a Menina Dr.^a Augusta decidiu-se então a procurar a tal moça que antes tinha entrado numa das casas ao separar-se dos quatro restantes. Augusta também reencontrou a rua e entrou numa casa. O rés-do-chão tinha um nome na porta: «Sr.^a D. Seca Alma Silva, viúva-do-produtor-de-abrunhos». Este epípeto pareceu muito suspeito a Augusta. Tocou à

(6) bicho raro, vive na Sibéria
preço de dentes muito considerável.

campainha e disse à mulher que lhe abriu a porta: «Por acaso não entrou aqui há cerca de uma hora uma moça que antes se tinha separado de 4 companheiros na rua?» A Sr.^a viúva-do-produtor-de-abrunhos disse que talvez fosse na porta em frente. A menina Dr.^a Augusta tocou então à campainha em frente e perguntou: «Por acaso não entrou aqui, há cerca de uma hora, uma moça que pouco antes se tinha separado de 4 companheiros na rua?» A senhora em questão disse: «Talvez em frente?» A menina Dr.^a Augusta tocou por isso de novo à campainha em frente, na casa da Sr.^a D. Alma Silva, verdadeira e secreta viúva-do-produtor-de-abrunhos, e disse à senhora quando ela lhe abriu a porta que a senhora de vis-à-vis ⁽¹⁾ a tinha mandado para ali e que ela aproveitara mais uma vez a ocasião para lhe perguntar se por acaso não teria talvez entrado ali, há cerca de uma hora, uma moça que pouco antes se teria separado de 4 companheiros. A Sr.^a D. Alma Silva, viúva-do-produtor-de-abrunhos, respondeu que talvez tivesse sido no primeiro andar. A Menina Dr.^a Pia tocou então à campainha do primeiro andar e perguntou se por acaso, há cerca de uma hora, não teria talvez entrado ali uma moça que antes se teria tido de separar de 4 companheiros. A dama em causa disse: «Talvez no rés-do-chão». A menina Dr.^a Augusta tocou então de novo à campainha do rés-do-chão e perguntou à Sr.^a D. Sequinha, viúva-do-produtor-de-abrunhos, se há cerca de uma hora não teria ali entrado uma moça que antes se teria separado de 4 companheiros. A sr.^a D. Sequinha, conselheira-viúva-do-produtor-de-abrunhos, ne-

(1) francês.

gou-o delicada, mas categoricamente e disse «Talvez se perguntar no segundo andar, qu'aqui nã tá.»⁽⁸⁾ A Menina Dr.^a Pia perguntou também no segundo, no terceiro, no quarto e no quinto andares em ambas as casas, direito e esquerdo. Entretanto era repetidamente recambiada para a Sr.^a D. Sequinha, conselheira-viúva-do-produtor-de-abrunhos, a qual, depois de repetidamente a repelir tão delicada como categoricamente, começou por último a pigarrear e a tossicar rouca. Mas isto não serviu de nada à Sua Senhoria Conselheira Superseca. É que a Menina Dr.^a Augusta voltou mais uma vez, tocou à campainha e perguntou se, por acaso, há pouco menos de uma hora aproximadamente — «2 horas e meia» rectificou a Senhora Conselheira — portanto acerca de, mais ou menos 2 horas e meia, não teria de certo modo, entrado ali uma moça — «que antes se teria separado na rua de 4 companheiros» completou a Sr.^a D. Conselheira, D. Sequinha —. E, de repente, a D. Conselheira Abrunho, para quem tudo aquilo não valia mais que um abrunho foi aos arames de uma maneira que a Menina Dr.^a Augusta não poderia nem esperar nem merecer. Depois de ela⁽⁹⁾ ter pigarreado repetidas vezes, arregaçou a tacha e começou a dar às mãos⁽¹⁰⁾ como se quisesse embalar o ar, bateu diversas vezes com as palmas das mãos contra a porta, descuidou-se e partiu o vidro. Depois

(⁸) expressão provinciana.

(⁹) A Sr.^a Conselheira.

(¹⁰) como um cão.

pôs-se a gritar: «bi, bi, bi, bi, bi, bi», apanhou um ataque de gritos, saiu a correr porta fora e foi chamar os bombeiros. «Parta o vidro, carregue no botão, espere que alguém chegue». Mas ela não esperou. Em vez disso deu meia-volta, agarrou no capacho de malha de arame e bateu com ele na vertical com uma força de cerca de 2 cavalos-vapor na cabeça da Menina Dr.^a Augusta, já tão frequentemente posta à prova. A menina Dr.^a Augusta deu logo por isso e na verdade de forma nada agradável e como a coisa estava a ficar feia foi com dignidade para as traseiras da casa para aí se informar do paradeiro da moça que, cerca de 3 horas antes, aproximadamente, se tinha separado de 4 companheiros para entrar no 5. Começou por reparar na sequência 3, 4, 5. Ali havia ritmo. Mas ela não tinha tempo de reflectir para cá e para lá sobre o assunto, mesmo que fosse de máxima importância, pois de tanto rápido sobe-e-desce apanhou uma caimbra na barriga da perna. Isto era-lhe extremamente desagradável. Ela estava com uma certa pressa. Queixais curiosos assomaram a todas as portas. E a Menina Dr.^a Augusta teve de descansar e a barriga da perna ainda lhe doía mais. Primeiro de tudo começou a reflectir sobre os conceitos de entorse e caimbra da barriga da perna. Uma entorse é de certo modo uma caimbra da barriga da perna no pé, e a caimbra na barriga da perna é uma entorse na perna. Curiosamente o desencaixe do queixal também é semelhante. E a Menina Dr.^a Augusta teve afinal uma grande sorte em não ter um desencaixe do queixal em vez de uma caimbra na barriga da perna. Poderia também ter tido de repente um tremedal cerebral e teria então que renunciar prematuramente à grandiosa perseguição da sua ideia.

Augusta não era nenhuma ingrata e contou a toda a gente que assomara à porta que sorte que era ter apenas caimbras na barriga da perna. «Sabe o que faz bem? É bater aí com uma pantufal!» disse uma senhora. A Menina Dr.^a pediu uma pantufa emprestada e pôde assim retomar a perseguição da sua ideia. No quinto andar, porta 2, disseram-lhe que a senhora tinha provavelmente entrado no n.º 5, que este era o n.º 6. A Menina Dr.^a Augusta disse «Muito obrigada» e foi uma casa adiante, frente e traseiras, cada uma com 12 andares. De vez em quando voltava a caimbra na barriga da perna e ela voltava a pedir uma pantufa emprestada. De repente perdeu um salto do sapato. Mas o que era aquilo comparado com a eternidade? E no quinto andar das traseiras do prédio, porta 2, disseram-lhe que tentasse no n.º 5, que este era o n.º 5A. A Menina Dr.^a Augusta era uma rapariga às direitas, já na escola era. Sabia que uma pessoa se torna hábil pela prática, e que encontraria a rapariga tanto mais depressa quanto mais tempo tivesse que procurar. É o que faz a prática. De repente encontramos quando ainda julgamos procurar. É o que faz a prática. Mas desta vez Augusta queria ir pela certa para não recommençar a confundir os números das casas. Por isso abordou um senhor na rua e pediu-lhe que lhe indicasse o n.º 5. A Menina Dr.^a Augusta sabia — lá está outra vez esta inquietante rima! — que, sendo Menina Dr.^a, era uma personalidade e que qualquer um se inclinaria de bom grado à sua autoridade, qualquer um teria de lhe dizer onde e quando seria o n.º 5. Era uma personalidade, exactamente como as grandes personalidades das grandes épocas. Neste caso era completamente indiferente que ela estivesse ali

só em combinação ⁽¹¹⁾ pois não é o hábito que faz a personalidade. isso tem-se ou não se tem. Era pena ter perdido o seu tacão. Mas o senhor chamava-se Pires. Pires era um senhor. Pires inclinou-se numa elegante vénia e chamou «Madame» à Menina Dr.^a Augusta. Depois com grande interesse perguntou-lhe se ela não teria perdido as lunetas evitando com todo o tacto fazer qualquer reparo acerca do salto raso. Depois Pires indicou-lhe o n.º 5. A Menina Dr.^a Augusta voltou a perguntar se era o n.º 5. Sim, de certeza, era de certeza. E, com uma certa vénia cerimoniosa, Pires continuou o seu caminho. Mas as suas próprias experiências puseram a Menina Dr.^a Augusta desconfiada, perguntou por isso a um outro homem onde era o n.º 5. Este chamava-se Santos. A Menina Dr.^a Augusta Pia sabia que, sendo uma personalidade, todos tinham de lhe responder. Pediu portanto ao Sr. Santos que lhe dissesse onde era o n.º 5. Santos era limpa-retretes. O Santos limitou-se a resmungar por entre as falhas dos dentes: «Então esta camela não vê?». Augusta voltou a pedir: «Por favor, pode ter a bondade de me indicar a casa n.º 5, é que eu sofro de caimbras na barriga da perna». «péra aí que eu já te mostro» disse Santos arreganhando os dentes e indicou-lhe o n.º 4. Portanto Augusta perguntou pela rapariga em 24 casas do n.º 4. Por fim, enviaram-na para o n.º 3. Mas que acaso feliz, que reviravolta dos céus! Desde criança Augusta sempre tinha sido uma rapariga de risca direita ⁽¹²⁾ e sempre tivera assim umas certas intuições. E o acaso fez com que, querendo ir ao

(11) um pouco como a crítica de arte.

(12) vd. críticos.

n.º 3, Augusta entrou por acaso no n.º 5. O exercício faz fome e a fome faz fartura. O exercício é o melhor cozinheiro. Quer dizer, em comer nem pensar! Fosse como fosse, Augusta estava agora no n.º 5, ela e o seu instinto tinham tomado o freio nos dentes. E, efectivamente, depois de ter perguntado pela rapariga em cada uma das 10 casas da frente e das traseiras, reconheceu a dita moça que, havia 6 horas aproximadamente, se tinha separado dos 5 para entrar no 5. Coisa inaudita: Então não é que a dita em pessoa lhe abriu a porta no quinto andar das traseiras! ⁽¹³⁾ Não há dúvida que o instinto tomara o freio nos dentes com a Menina Dr.ª Vit, senão como é que ela teria podido encontrar a moça tão depressa? Como se regozijava Augusta por a moça não ter mudado de casa nem morrido! Mas agora que havia Augusta de dizer? Desta vez ela queria em todo o caso entrar com o pé direito. Augusta Pia sabia que tinha agora de proceder com diplomacia, caso contrário não viria a saber nada. Augusta Pia sabia que teria de manter a autoridade da sua pessoa. Teve uma ideia genial, como um pretendente, que lhe atravessou a cabeça esburacada. E a ideia assentou como uma bala de ressalte. Augusta sentiu que estava agora quasi vis-à-vis da eternidade e por isso emudeceu. «O que é que deseja?» perguntou a rapariga. Augusta manteve a autoridade pessoal e a sua mudez. «Em que é que posso ser útil?» prosseguiu a rapariga. A Menina Dr.ª Augusta manteve-se muda. «O que é que quer daqui?» Augusta soube manter a sua autoridade pessoal. Então a moça pôs-se a berrar-lhe ao ouvido perguntando-lhe

(13) logo no «quinto» andar!

o que é que ela queria afinal. A Menina Dr.^a Vit não era surda, só de vez em quando uma personalidade, nada mais. Mas a Menina Dr.^a Augusta irritou-se com este modo de se tratar uma personalidade, embora sentisse também uma certa satisfação pela grande impressão que causava. É que uma pessoa decente costuma mostrar-se calma, amável e discreta para com as personalidades. Mas se as personalidades ficarem surdas, então também não podem ouvir nada. Leva-se o dedo à boca e diz-se respeitosamente: «Aqui está a personalidade, não tuge nem muge. Ouvem como ela se cala?» E subitamente a rapariga fechou a porta.

A Menina Dr.^a Augusta começou outra vez a tocar à campainha. A rapariga não abriu. A Menina Dr.^a voltou a tocar. A rapariga abriu. A Menina Dr.^a Augusta manteve-se muda, mantinha a sua personalidade. E a rapariga voltou a fechar a porta. A Menina Dr.^a Augusta pôs-se a tocar à campainha pela terceira vez. A rapariga não abriu. A Menina Dr.^a tocou com mais força. Um cão começou a ladrar. A rapariga não abriu. A Menina Dr.^a Augusta tocou muito alto e bateu com a mão nos vidros. Os cães ladravam agora muito alto. Assomou gente a todas as portas. Lá voltou então a rapariga. A Menina Dr.^a ficou muda. A rapariga estava agitada, tremia e disse: «É capaz de me dizer o que é que afinal quer de mim?» A Menina Dr.^a Augusta lançou-lhe um olhar de desprezo. É preciso domar as feras. «Exijo» gritou a rapariga «que me diga o que é que quer afinal ou que saia imediatamente!». «Isto é incrível!» gritou uma voz do andar de baixo. A Menina Dr.^a Augusta manteve-se muda. Mas os cães ladravam com mais força. A rapariga não pôde conter o choro.

A Menina Dr.^a Augusta sentia agora a satisfação do êxito, que afinal a tática do mutismo sempre estava certa. Aliás estava ocupada em combater uma nova caimbra na barriga da perna. Desistiu da sua tática, foi em direcção à rapariga e, segurando-lhe a cabeça entre as mãos, encostou-a docemente ao peito. A rapariga sacudia-se em profundos soluços, logo que a caimbra rompeu de novo na barriga da perna, a jovem moça irrompeu num profuso soluçar. Os cães ficaram roucos. Um deles quis morder a barriga da perna doente da Menina Dr.^a Augusta. E foi uma grande sorte, senão as duas mulheres ainda estariam no patamar da escada.

A Menina Dr.^a Augusta entrou de rompante na casa como se sua fosse e convidou amavelmente a rapariga a segui-la e a sentar-se, se faz favor. A Menina Dr.^a Augusta era uma autoridade. Foi por isto que a rapariga a seguiu. «Sente-se» disse a autoridade em pessoa à jovem moça. «Como se chama?» — «Ana» — «E o apelido?» — «Pecaminosa» — «E que nomes próprios lhe deram os seus pais?» — «Luisa, Aladina» — «E tratavam-na por Ana?» — «Sim» — «Que idade tem, Ana Pecaminosa?» — «37 anos» — «Ainda tão nova?» — «Sim» — «Disponibilidade militar?» — «Defesa civil do território» ⁽¹⁴⁾ — «Medidas militares?» — «194 cim de altura» — «Peso?» — «Esbelta» — «De que é que padece?» — «De aflicção no coração» — «A que patente tem direito?» — «Não tenho direito, sou torta» — «Profissão civil?» — «Calista-massagista» — «Solteira?» — «De certa maneira» — «E a cozinha, que tal?» — «O trivial» — «então faça-nos uma chávena

(14) variante mais antiga: do matrimónio

de chá bem forte». A rapariga pôs a água ao lume. Entretanto, enquanto estava lá dentro, a Menina Dr.^a Augusta pôs-se a pensar.

«A pinsar ⁽¹⁵⁾ morreu um burre» já dizia a minha avó. A Menina Dr.^a Augusta pensou de si para si que deste modo não iria saber nada. Quer dizer, ela já soube toda a espécie de coisas, mas não o que queria saber. Tinham-se passado acontecimentos extraordinários e a Menina Dr.^a Augusta sabia «que sim» mas não «como assim». Uma nova rima inaudita, -im rima com -im. Augusta fez agora a pergunta de outro modo, a fim de obter da rapariga toda a informação. Em primeiro lugar a Menina Dr.^a Pia perguntou-lhe se a moça seria a senhora que tinha entrado no 5 ao separar-se dos 5. A rapariga negou. E no entanto era ela de certeza — Augusta sabia-o perfeitamente. Senão Augusta nem sequer lhe teria feito a pergunta. Claro que nunca se faz uma pergunta quando não se sabe a resposta. Era de certeza ela, de certeza. Pia atirou-lhe à cara que tinha sido ela, de certeza. Como um capacho de malha de arame, a Menina Dr.^a Pia atirou-lhe à cara que ela tinha primeiro ido com um grupo de 10 pessoas numa única e mesma direcção, que se tinha depois separado com os outros 4 e que por fim tinha também abandonado estes 4 para entrar no 5. Ana Luisa Pecaminosa contestou este facto. E dizer que Augusta não se tinha poupado a esforços para isto, para encontrar esta ingrata criatura! Augusta tinha suportado todas as velocidades, tinha-se desembaraçado de todo o lastro supérfluo, tinha levado com um capacho na cabeça, ficado com caimbras na barriga da

(15) expressão provinciana para pensar.

perna e esta criatura que tudo sabia nem sequer dizia o que Augusta Pia já sabia. Ela mentia. A criatura mentia. Então Augusta perguntou-lhe: «Será que ainda não lhe chega todo o lastro de que eu já me livrei? Será que tenho ainda que lhe pôr à frente do nariz o algodão que tenho nos ouvidos?» E colocou 2 tampões de algodão em cima da mesa.

«Não acredito que ainda me vá exigir que dispa a combinação, sua desprezível criatura! Sua Selvagem! E por sua causa deixei eu que Sua Excelência a Sr.^a Alma Silva, sequinha-conselheira-privada-do-produtor-de-abrunhos me descarregasse na moleirinha o seu mui nobre capacho de malha de arame, a uma velocidade vertical de 2 cavalos vapor! E esta idiota mente! Quer dizer que foi então em vão que tive 2 caimbras na barriga da perna?» E com estas palavras Augusta foi aos arames. E apontando para a mesa acrescentou: «Tome lá, aí tem o seu algodão!» e arrancou uma perna à secretária. Ana Luisa Pecaminosa agarrou-se às pernas dela e segurou-a firmemente. Com a perna da secretária Augusta Pia escaqueirou as janelas de tal modo, que os vidros ressoaram no empedrado, depois a mesa, as cadeiras, uma comodazinha, quadros, espelho, «bibelots», etc. Enquanto isto o chá tinha-se queimado. Talvez seja um único caso em toda a História Universal em que o chá se tenha queimado. Um ar espesso atravessava a pequena casa. Como vermes. Augusta Pia pensou que se no lugar de uma caimbra na barriga da perna, tivesse tido uma entorse, ela poderia ter ficado toda torta da tola. Os inquilinos assustados com o ressoar dos vidros partidos acorreram todos. Augusta percebeu que ali já não ia saber mais nada. E com toda a dignidade de uma

autoridade, abandonou o local ⁽¹⁶⁾ dizendo aos locatários que ia encontrando que fossem lá acima, que o chá se tinha queimado e que havia eminente perigo de explosão.

E, enquanto todos se precipitavam para cima, a Menina Dr.^a Augusta Pia saiu para a rua e enviou toda a gente que passava por ela para o n.º 5, porque ali se tinha passado qualquer coisa. Um homem disse que Augusta era uma louca inofensiva, observação que atijou consideravelmente o seu zelo. Mas depois libertou-se do chá queimado e encontrou-se de novo com ambos os pés bem assentes na realidade. Pois a situação exigia de Augusta uma entrega total. Augusta Pia sabia que alguma coisa de inaudito se passaria e Augusta Pia queria saber o que seria. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas tinham ido numa única e mesma direcção. Era mais que óbvio que ali havia coisa. Mas aqui é que não havia mais nada que aprender. Por isso Augusta Pia sabia que Augusta Pia devia era tentar chegar lá de outra maneira. Ali havia de certo modo qualquer coisa no ar. Porque é que toda a gente a olhava deste modo, a ela, Augusta Pia? Ninguém age assim sem razão. Por isso tinha que haver coisa. Porque ela, propriamente dita, não tinha nada de especial. Qualquer mulher se veste com uma combinação e uma blusa, não havia portanto nada de especial. Augusta era uma rapariga às direitas, sempre o fora, já na escola. Mas esta tese de doutoramento era mesmo difícil. O grau de Dr. Vit era das especialidades mais difíceis.

(16) cf. crítica de arte.

Primeiro a Menina Dr.^a Augusta decidiu esperar até que de novo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas andassem numa única e mesma direcção. Mas comparando analogicamente com qualquer outro grande acontecimento — outra daquelas inquietantes rimas, entre -mente e -mento — Augusta Pia sabia — rimam Pia e — bia — que grandes acontecimentos se anunciam sempre de formas diferentes. Não esqueçamos que ela era uma rapariga de risca direita. Então Augusta Pia sabia que se agora 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas fossem exactamente na direcção do mesmo ponto cardeal isso não queria dizer nada, nem sequer que ali havia coisa. Augusta não se queria deixar enganar ⁽¹⁷⁾.

E enquanto reflectia deste modo iam 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 meninas numa única e mesma direcção e o grupo do internato cruzou-se com a Menina Dr.^a Augusta. Augusta contou: «1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10». Sim, mas porque é que grandes acontecimentos terão de se anunciar sempre de formas diferentes? Por que razão? Augusta não encontrou razão. O facto é que tanto podiam anunciar-se de forma diferente, como do mesmo modo. Como pessoa conscienciosa que era, Augusta tinha então de perseguir as 10 meninas assim como no princípio perseguira as 10 pessoas. E foi o que Augusta fez. Mas enquanto seguia o grupo do internato ocorreu-lhe a ideia de que, já que os grandes acontecimentos se podem também anunciar de formas diferentes, ela poderia chegar à verdade de forma diferente, i.é, indo na direcção oposta à das 10 meninas em vez de as seguir. Augusta foi então na direcção oposta. Mas

(17) cf. carneirada (epígonos).

como Augusta Pia não sabia o que seria mais acertado, se ir com as 10 meninas ou na direcção oposta e, como isto era de certo modo indiferente perante a eternidade, recomeçou o seu serviço de vaivém. Augusta era o que se pode chamar uma pessoa lógica, apesar de muitas vezes isso não ser fácil. Foi nesse momento que a Menina Augusta pensou nos grandes inventores de todos os tempos. Não haveria aqui uma semelhança de situações? Pelo menos de certo modo. Pois o que haverá de realmente certo na face da terra? Se um qualquer quisesse por ex. inventar o pó, como é que o haveria de fazer? Se fosse por ex. moer tudo em pó, o que daí se obteria não seria exactamente pó. ⁽¹⁸⁾ Talvez tivesse mesmo que manter muitas coisas intactas, pois nada se pode conhecer senão através do seu contrário. Portanto quem quiser inventar pó terá que construir blocos. E depois, que espécie de pó? Havia por ex. pó de pólvora, pó de fermento, pó peitoral, pó de esfrega, pó de arear, conforme o que o inventor em causa tivesse moído. A coisa era mesmo mais complicada. Por exemplo o pó peitoral não tinha necessariamente que ser peito moído. Mas por outro lado podia contudo ser peito moído. Pois quem é que poderia impedir alguém de chamar pó peitoral ao peito moído? E como é que se podia, afinal de contas, moer peito? De qualquer modo, primeiro era preciso que estivesse bem sequinho. E depois, que peito? Havia o peito de ganso, o peito de aço, fígado de ganso, pasta de fígado de ganso, salsichas de bucho, salsichão, cozinhas de bonecas, etc. Tais eram as reflexões da Menina Dr.^a Augusta quando, recomeçando as suas meias-

(18) cf. mais uma vez com a crítica de arte.

-voltas, corria ora atrás do grupo do internato, ora na direcção contrária. Nisto, a distância entre o grupo do internato e o local onde Augusta o tinha detectado aumentava cada vez mais e a velocidade de Augusta tinha entretanto quase atingido o número de $333\frac{1}{3}$ m/s. Ela pôs-se a pensar em coisas inauditas que poderiam acontecer como arautos de acontecimentos maiores. Então avistou ao longe um homem que mal a viu, deu meia-volta horrorizado e bateu em retirada. A Menina Dr.^a Vit pôs-se então em marcha a uma velocidade consideravelmente acelerada em direcção ao homem em fuga. Este fugiu como que fustigado por fúrias. Então, para apanhar o fugitivo, Augusta desembarçou-se também do lastro da combinação. Trazia ainda vestido um pequeno saiote. Estima-se que ela tenha atingido a velocidade de 500 a 600 m/s. Subitamente o homem saltou para uma tipóia e escapuliu-se.

A Menina Dr.^a Augusta ficou espedada como uma estátua decorativa num parque ⁽¹⁹⁾. Era impossível alcançar o grupo do internato à distância a que ela já se encontrava. O homem pisgara-se de tipóia. Mas ela não ficou ali por muito tempo. De repente saltou para dentro de um automóvel e lançou-se na perseguição da tipóia. Como no cinema. Mas quando o automóvel numa corrida desenfreada alcançou a tipóia a Menina Dr.^a Vit Augusta Pia pôs-se a reflectir. Porque o trabalho corre alegremente se for acompanhado de boas palavras. Ela pensou que talvez fosse tacanho perseguir agora apenas o homem da tipóia; ninguém podia saber se seria precisamente este homem o arauto de

(19) como o crítico na exposição de arte.

grandes acontecimentos. Não seria por acaso o grupo do internato quem faria pressagiar acontecimentos extraordinários? De carro ainda podia alcançá-lo, quer dizer o grupo do internato. Deu então as indicações necessárias ao motorista e montou, segundo o conhecido sistema, um serviço de vaivém automóvel entre o homem da tipóia e as 10 meninas do internato, até que nova ideia lhe ocorresse.

Primeiro era preciso escrever alguma coisa sobre Ricardo Traquina-da-Esquina. A sua história é breve. Quem ele foi, é indiferente. Pois ele mais não era do que Ricardo Traquina-da-Esquina, descendente do velho Traquina-da-Esquina, não deixava de se parecer nem com o seu pai, nem com a sua querida mãe e tinha herdado do seu pai um certo acanhamento, principalmente com as pessoas. (Nada de disparatar, Augusta, tens que te casar). Era do velho Traquina-da-Esquina que provinha a célebre máxima: «O Homem é um bicho, mais, é mesmo um bichanão». (Nada de disparatar Augusta, tens que te casar). O Ricardinho já em criança era acanhado. Detestava bicharada. As moscas picavam, as abelhas picavam, as formigas ferravam, as cobras mordiam, os cavalos e os burros escoiceavam, os leões davam dentadas, os gatos arranhavam, etc. (nada de disparatar Augusta, tens que te casar). Mas um bichanão, pelo menos assim lhe parecia, picava, ferrava, mordia, escoiceava, esmurrava, arranhava e, em caso de necessidade, até disparava. Não admira pois que o Ricardinho ficasse acanhado. (Nada de disparatar Augusta, tens que te casar). Acanhava-se perante as pessoas. Como um cavalo. Uma pessoa sozinha não lhe era desagradável, pois um bichanão nunca foi corajoso. (Isto segundo o Traquina-da-Esquina). Um bichanão so-

zinho nunca atacaria. Mas em grupo o bichanão torna-se arrojado. (Nada de disparatar, Augusta, tens que te casar). E quando o Ricardinho via 2 ou mais pessoas acanhava-se. Foi por isso que a sua mãezinha lhe fez 2 palas catitas para que ele não visse logo tantas pessoas de uma vez só. O mal do Ricardo já tinha melhorado um pouco, pois já não ficava acanhado com 2 pessoas mas apenas com 3. Se outras causas não o obrigassem a considerar a hipótese de estar à mercê de um bichanão desvairado.

Mandá-lo à escola estava fora de questão. Não era com o professor que Ricardo se acanhava, mas com os colegas, e de todas as vezes tinha fugido desenfreado como um cavalo. Nem severidade nem benevolência tinham servido para alguma coisa. E foi assim que nem sequer fez a confirmação religiosa. Quando chegou o momento de cumprir o serviço militar, Ricardo demoliu a caserna. Então foi preso e levado à presença do sargento que lhe chamou: «Bicha, não?». Ricardo percebeu «Bichanão», saltou-lhe de novo a tampa e desandou a todo o vapor. Como uma panela. Cheirou-lhes a esturro e correram com ele.

Ora, naquele dia em que Augusta Pia fazia o seu Dr. Vit, Ricardo Traquina-da-Esquina tinha ido passear para a rua, com as suas palas uma de cada lado dos olhos, sem pensar em grande coisa. Mas eis que de repente encontra 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 pessoas que se dirigiam para ele, numa única e mesma direcção. Mal o acanhado do Ricardo os viu, assustou-se e largou numa corrida desenfreada aos gritos pelo meio do grupo de 1 a 10 pessoas que saltavam para todos os lados. Uma rapariguinha já não teve tempo de se salvar. O Traquina-da-Esquina tinha-a passado a ferro.

(Nada de disparatar Augusta, tens que te casar). Os 9 restantes tinham ficado especados e quando o viram escapulir-se, despertou neles o bichanão. As 9 pessoas correram atrás dele para lhe tratar da saúde. Juntaram-se a eles outras pessoas, transeuntes e um polícia. Descadeou-se uma perseguição furiosa em direcção ao Traquina-da-Esquina. Como no cinema. Ricardo estava em apuros. Então enfiou-se por uma porta de espelhos e foi parar dentro de uma charcutaria. Ali, derrubou primeiro o dono, depois tudo o resto. Derrubou o viveiro dos peixes, o expositor das compotas, derrubou o queijo fresco e a caixa registradora, derrubou o expositor de enchidos e o pote da mostarda, derrubou o saco de açúcar e o sabão-macaco. O Sr. Alves, o dono, apanhou com tudo em cima. Depois a corja dos bichanões veio até junto dele. Enquanto uns começavam a pilhar e os peixes saltavam, enquanto outros continuavam a demolir, enquanto outros ainda desancavam o dono — um tal Sr. Alves —, enquanto o polícia alarmado disparava no ar tiros de alarme, Ricardo Traquina-da-Esquina escapou-se incógnito passando pelo escritório e por um corredor que dava para a outra rua.

Ali estava agora Ricardo Traquina-da-Esquina, suando, espumando tremendo como um cavalo. Como um cavalo de raça que tomou o freio nos dentes. Retirou as suas palas para enxugar a testa. De súbito, vislumbrou ⁽²⁰⁾ uma medonha aparição: Uma mulher em mangas de camisa, em corpete, mas em contrapartida de saiate, sem vestido, em contrapartida com as meias completamente enrodilhadas, com um sapato de salto

(20) linguagem de crítico.

alto e outro sem salto, os cabelos soltos ao vento, as mãos a dar a dar como que pronta para entrar em acção, era uma mulher assim que vinha direita a ele, com a dignidade de uma pessoa de autoridade. O acanhado do Ricardo pôs-se a soluçar. Depois pôs-se a fugir a sete pés como que fustigado pelas célebres fúrias, desta vez não na direcção da mulher mas em sentido contrário. O pavor revolveu brilho de olhos entre entranhas. Ricardo Traquina-da-Esquina estremeceu de indizível terror, saltou para uma tipóia e desapareceu. E, olhando acanhado por cima do ombro, viu pelo canto do olho a mulher entrar num automóvel. (nada de disparatar Augusta, tens que te casar).

Começou então uma perseguição de pôr os cabelos em pé. Como no cinema. Entretanto o automóvel partiu prego a fundo no encalce do grupo do internato. Depois voltou, tomado de nova fúria como um cão de guarda ⁽²¹⁾. Bruscamente partiu outra vez em direcção ao grupo das 10 meninas. Era uma perseguição de pôr os cabelos em pé. Como no cinema.

De repente qualquer coisa atravessou a cabeça da Menina Dr.^a Augusta. Uma ideia disparada. Augusta lembrou-se que, perante a eternidade, era de certo modo indiferente seguir ou não o homem. Tal como a dada altura tinha sido indiferente ter seguido o grupo das dez meninas ou ter ido na direcção oposta. A Menina Dr.^a Vit já na escola tinha sido uma rapariga às direitas ⁽²²⁾. Pois quem é que podia saber se o fugitivo não viria de grandes acontecimentos ou não estaria prestes a arran-

⁽²¹⁾ leia-se críticos de arte.

⁽²²⁾ vd. supra.

car para grandes acontecimentos? Quem é que se arriscaria a decidir se a Menina Dr.^a Augusta devia seguir o homem ou tomar a direcção oposta? E qual era afinal de contas a direcção oposta? Vendo bem, ela deveria ter ido na direcção oposta a pé e não de automóvel, pelo facto de, antes, o homem ter vindo a pé naquela direcção. Dúvidas amargas andavam numa reviravolta na sua cabeça. Quem é que podia saber se, dada precisamente a lei dos opostos, ela não deveria ter ido de automóvel em direcção contrária e correr agora na mesma direcção que ele? Aliás quem é que estava em condições de saber o que quer que fosse? E, para ela era evidente que o Dr. Vit não podia saber nada de nada ⁽²³⁾. E ela sentiu com toda a prontidão a satisfação de ser agora de certo modo a Menina Dr.^a Professora, pelo menos Professora Extraordinária, e na verdade porque não podia saber nada de nada.

De repente a tipóia parou.

O homem desapareceu numa casa.

Os dados estavam lançados e o homem tinha desaparecido numa casa. A Menina Professora Augusta mandou parar o automóvel. Ela sabia que qualquer coisa havia. Senão porque é que um homem havia de desaparecer numa casa? Aquilo não era bagatela nenhuma! Senão porque é que um homem salta para uma tipóia para desaparecer numa casa? Porquê? Uma coisa era certa, se aqui não havia coisa, então em mais lado nenhum haveria coisa. Embora a inversa também pudesse ser verdadeira. Mas, apercebendo-se da indiferenciação

(23) o autor atribui ao crítico de arte o título de Dr. Vit.

de todos os valores, sabendo agora que conforme o gosto de cada um, tudo podia comprovar tudo ou nada, teve uma nova e inaudita intuição, a saber, que era indiferente uma pessoa preocupar-se com isso ou não.

Ninguém podia preocupar-se com tudo. Uma pessoa tem que se decidir. E ele tinha que se decidir, não porque tivesse que se decidir, mas porque era precisamente indiferente se decidia e como se decidia.

Perante os novos conhecimentos a Menina Dr.^a Augusta passou uma esponja pela sua vida anterior e propôs-se consagrar toda a sua energia exclusivamente à pesquisa do homem que tinha desaparecido na casa. Era aqui que tudo se ia decidir. Só é pena que ela não pudesse entrar de automóvel pela casa dentro. Talvez o homem até se casasse com ela quando soubesse que ela era a Dr.^a Prof. Vit. Aliás, se ela um dia tivesse de casar, aquele era mesmo o homem que lhe convinha. Porque este homem tinha-lhe respeito. Este homem considerava-a como ela, tendo em consideração a sua carreira intelectual, devia ser considerada: Como uma pessoa de respeito. Por isso é que ele desapareceu naquela casa. Agora Augusta Pia sabia o que queria. Saltou do automóvel, atirou com a porta e correu para... i.é, quis correr.

«Alto aí!» gritou o motorista ⁽²⁴⁾ «primeiro paga-sel!» Augusta procurou a carteira mas não a encontrou. Subitamente teve uma ideia genial, não tivesse ela sempre sido uma rapariga de risca direita, já na escola. Descreveu ao motorista o local exacto onde tinha deixado ficar a carteira ao perseguir a pé os dois grupos

(24) como o próprio autor.

de 5 pessoas e ao desembaraçar-se do lastro e disse-lhe que na carteira havia mais dinheiro do que ele lhe exigia e que podia guardar o resto como gorjeta. O homem ficou furioso e descreveu-a com a expressão «vigarista». Em resposta a isto a Menina Dr.^a Augusta argumentou que ela era franca e sincera e que lutava pelo Idealismo, que queria ser a primeira a sair Dr.^a Vit. «O quê?» perguntou o motorista «vi-te, vi-te» «Nada de disparatar Augusta, tens que te casar!» e lembrou-lhe outra vez que era preciso pagar em dinheiro. A Menina Dr.^a Prof. Vit. fez-lhe ver veementemente que tinha que descer. Tudo se ia decidir ali. Era ali que ela iria colher os frutos do seu estudo, tinha que apanhar o homem que desaparecera naquela casa para lhe perguntar o que é que ele afinal de contas queria. O motorista reclamava insistentemente o seu dinheiro e com veemência, enquanto abanava a mão como um carvalho ao vento. Ela só falava de idealismo. Então o motorista tomou-a por louca e teve medo dela.

Bruscamente o motorista agarrou a Menina Dr.^a xoriço de fígado de vitela ⁽²⁵⁾ com as duas mãos, meteu-a no automóvel e, sem se preocupar com a sua gritaria, arrancou. Andou, andou até que o automóvel chegou a uma grande área de areia na charneca. Parou no meio de um imenso campo de manobras militares, pôs a Menina Dr.^a Augusta no chão e seguiu o seu caminho.

O leitor está a pensar que é aqui que vai passar-se qualquer coisa, que talvez venha a tropa, mas a tropa não veio, não encontrou a Menina Dr.^a Vit e não se deleitou com esta flor. Talvez o leitor pense que ela vai

(25) aliás, xarope de fígado de bacalhau.

morrer de fome aqui. Talvez o leitor pense que a Menina Dr.^a Vit encontra o caminho de casa, como uma gata, mas não encontra. Em todo o caso o leitor vê que aqui a Menina Dr.^a Vit chega a saber que quem havia aqui. Mas não chega. O leitor crê ter o direito de vir a saber coisa ou coisas mas o leitor não tem direito nenhum, em todo o caso não tem o direito de ficar a saber seja o que for numa obra de arte. Em todo o caso o leitor presume que desta vez a Menina Dr.^a Augusta será recompensada pelo seu esforço, talvez com o reitor a conferir-lhe o grau de Professora Catedrática Vit. Mãe.

E não, porque a história acabou, ponto final, por mais brutal que possa parecer, não tenho outra saída. Eu, o autor, declaro aqui que isto é a conclusão de oferecer ao povo uma Augusta Pia. Muito obrigado!

Einbeck, 1.7.1922

Merz

POSFACIO

Já o martelo paira, vem aí a catástrofe

(Reitor Pedra-Mole)

Notas do Tradutor

fl. 1

Xaropada n.º 30 — *Tran Nr. 30* no original. Designação utilizada por Kurt Schwitters para numeração dos seus textos críticos e satíricos, nomeadamente na revista *Der Sturm* (a partir de 1920). A maior parte dos *Tran* visavam a crítica literária.

fl. 1

Augusta Pia — *Auguste Bolte* no título original. A fim de facilitar rimas internas no texto adaptou-se o nome *Augusta Pia*. Auguste Bolte é uma personagem da história em verso de Wilhelm Busch *Max und Moritz* (1865).

fl. 1

Merz

— Em Kurt *Merz* Schwitters. Nome literário de Schwitters. *MERZ* é também o título de uma revista editada por Kurt Schwitters entre 1923 e 1932. Segundo o próprio Schwitters, «a palavra *Merz* deriva de aus*MERZ*en (comprimir, condensar, espremer) e foi uma invenção muito espirituosa do Sr. Com*MERZ*ienrat (conselheiro comercial) Katz. *MERZ* era realmente uma ironia na medida em que iluminava os lados luminosos do chamado Dadaísmo (...) e os lados sombrios do chamado Expressionismo (...)» (*Tran Nr. 35, Sturm* 1/1924).

fl. 2

Doris Thatje — Segundo Käte Steinitz (*Kurt Schwitters, Erinnerungen aus den Jahren 1918-30*, Zürich, Verlag der Arch, 1963) *Doris Thatje* era uma velha camponesa recolhida pelos Schwitters para quem fazia trabalhos de costura. «As suas sentenças eram do mais puro estilo «da-da» e a sua filosofia sublime. O que proferia podia ser integralmente impresso por Schwitters na sua revista *MERZ*».

fl. 3

Ernst Lehmann — *Ernst* era o nome do filho de Schwitters. A sua mãe tratava-o por *Ernstleemann* que Schwitters transformou aqui em *Ernst Lehmann*. As suas observações de criança foram frequentemente citadas na obra de Schwitters, como no caso presente, com 5 anos de idade. (Cf. Käte Steinitz, op. cit.)

fl. 4

Ana Blume — Personagem principal de vários textos de Schwitters.

Arnold Böcklin — Pintor suíço (1827-1910).

Kurt Schwitters (Hannover 1887 — Ambleside Westmoreland 1948) foi ao longo de uma obra multifacetada, um criador de vanguarda. De 1909 a 1915 estuda nas Academias de Belas Artes de Dresden e Hannover. A partir de 1918 cessam algumas experiências cubistas (pintura) e expressionistas (poesia) e por via das semelhanças poetológicas verifica-se uma irreversível aproximação aos dadaístas. Decisivo para esta viragem é, em 1920, o encontro com Hans Arp, fundador do movimento dada e editor da publicação Merz, que Schwitters organiza. Antes de emigrar para a Noruega (1939) colabora na revista Sturm. Em 1940 procura exílio em Inglaterra, onde trabalha como retratista e prossegue a sua obra poética.

Kurt Schwitters é justamente considerado um precursor das mais recentes concepções da arte poética. A primeira fase da sua produção (1918-1922) é definida pelo princípio «Merz» que, sob a força de poemas, colagens, sátiras, fábulas, contos e «Märchen» faz, com os dadaístas, a paródia da escrita tradicional, desarticulando-lhe, de modo grotesco, os temas e motivos. O propósito já não é descrever a realidade por meio do médium linguagem mas encontrar na própria linguagem a realidade do seu tempo. Merz é o princípio da libertação dos tabus em relação ao material linguístico ou hierarquias de valor na selecção temática. Por isso, utiliza quer transcrições directas da linguagem infantil (as crianças têm para Schwitters uma relação original com a liberdade), quer frases extraídas da imprensa, ritmos do discurso oral, jogos de linguagem através da descontextualização de conceitos abstractos, neologismos, provérbios, frases feitas, expressões quotidianas e dialectais entre passagens da mais elevada expressão lírica; em

resumo Merz é uma linguagem marcada que se desmembra para se articular em novas significações.

Depois de Merz, a concepção básica da arte não sucumbe à forma mais convencional que os textos adoptam. Se até 1923 a expressão de trivialidades pretende chocar, propõe-se a partir de agora uma certa popularização da arte. Os temas sujeitos à crítica humorística de Schwitters são ainda as posições socio-políticas, ideológicas e estéticas que o espírito do tempo adopta. As personagens, frequentemente sem interioridade, são joguetes das situações em que se envolvem. As sátiras escritas até 1930 revelam uma consciência apurada dos «males do tempo» e manifestam uma atitude preventiva face a uma tendência colectiva para obsessões que em breve, mais do que nunca se verificará.

A técnica mais utilizada é a do confronto entre o objecto trivial e o elevado e associação do sem-sentido ao conceituado.

Os textos da fase do exílio (1940-48) podem ser considerados imagens-espelho de experiências pessoais. As personagens são agora seres destruídos pelas agressões exteriores e destituídos de esperança. O estilo vacila entre a forma Merz aliada à fórmula dos Märchen, entre montagens e poemas de inspiração popular com a liberdade criativa que K. Schwitters sempre se permite, permitindo deste modo alargarem-se, formal e esteticamente, as fronteiras da arte.

PRINCIPAIS TÍTULOS:

- 1919: Anna Blume (*poesia*)
1922: Memoiren Anna Blume in Bleie (*poesia*)
1923: Die Blume Anna (*poesia*)
1923: Auguste Bolte (*prosa*)
1924: Die Märchen vom Paradies (*prosa*)
1925: Die Scheuche (*prosa*)
1931: Veilchen (*poesia*)
1932: Ursonate (*poesia*)

PUBLICAÇÕES PÓSTUMAS:

- 1965: Anna Blume und ich (*selecção de poemas; publicado por Ernst Schwitters*)
1971: Emils blaue Augen, Grotesken (*prosa; publicado por Friedhelm Lach*)
1973: Das literarische Werk (*Vol. 1: Poesia; Vol. 2: Prosa 1918-1930; Vol. 3: Prosa 1931-1948; Vol. 4: Peças de teatro; Vol. 5: Manifestos e textos críticos; publicados por F. Lach, Verlag M. DuMont Schauberg*)
1975: Briefe (*correspondência publicada por E. Nündel*)

Esta obra foi composta e
impressa, em Outubro de 1989,
na Editorial Minerva - Minigráfica
Cooperativa de Artes Gráficas, CRL
Rua da Alegria, 30 1200 — Lisboa

Depósito Legal n.º 30623/89

O autor criou um símbolo notável para a Crítica de Arte com deve ser. É uma cópia fiel a partir das críticas de jornais diários. A imprensa diária sobre arte, a chamada imprensa artística diária, anda com um vestidinho de criança. Casta e púdica, pôs um aventalzinho com um folho bordado — não confundir com fedor borrado. Pernas não tem, como quem diz, esgotaram. Mas então como é que ela há-de mandar? Com as mãos. Mas essas, como quem diz, também esgotaram, braços e tudo. Mas então como é que ela há-de agarrar? Com a cabeça. Mas a cabeça não passa de um cabide. Ora, aqui é que está pendurada a imprensa artística diária com o seu folho bordado. Mas então como é que ela há-de pensar? Para este fim o autor acrescentou-lhe uma cabeça sobressalente, como aquelas que se encontram ao lado dos bustos reais no Antigo Egipto nas câmaras mortuárias das pirâmides. A cabeça tem a expressão característica dos críticos de arte no seu estranho ladrar, óculos sobre o nariz e um lenço no lugar onde devia estar a inteligência. O nariz é encarnado. Para dar de beber à dor, não há como uma ginginha.

Mas que introdução vem a ser esta? Meu caro senhor, antes de mais nada trata-se de subornar a crítica para ela dar boas notas ao meu livro. Quem bem lubrifica, melhor anda.

Kurt Schwitters